

A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE MULHER E ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Silvana Vilodre Goellner¹

Palavras-chave: esporte, mulher, estudos de gênero

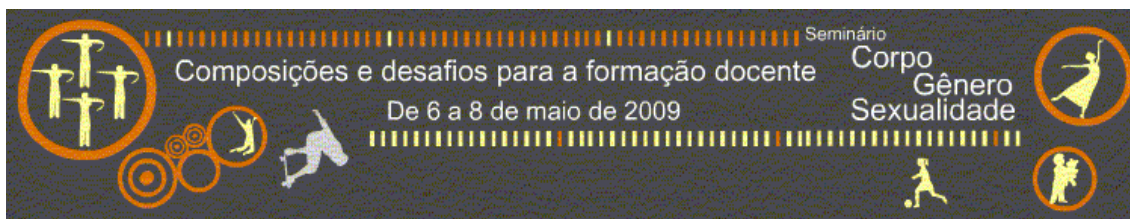
Eixo temático: Gênero e sexualidade nas práticas corporais e esportivas

A produção acadêmica, no Brasil, sobre a temática da mulher no esporte pode se analisada a partir de duas vertentes: uma centrada no aporte teórico-metodológico das ciências biomédicas e outro no campo das ciências sociais e humanas cujo impulso maior se deu com a ampliação, no Brasil, dos estudos de gênero.

A primeira delas e sobre a qual poucas análises vou desenvolver ancora-se na perspectiva biomédica cujas primeiras sistematizações aparecem nos décadas iniciais do século XX, fundamentalmente, nas faculdades de medicina. Isso se dá em virtude da propagação, no Brasil, do ideário higienista e eugênico cuja propagação se dá a partir dos anos 20 e com forte incidências nos anos 30.

Dois autores destacam-se nesse momento: o pedagogo Fernando de Azevedo, primeiro autor brasileiro a escrever um livro sobre Educação Física e Renato Kehl, importante médico e fundador da Sociedade Eugênia de São Paulo. Fernando de Azevedo, ao identificar a mulher como a “célula-mater” da nação advoga em favor da preparação das moças para bem cumprir seu papel “bio-educativo”: a maternidade. “O que é, pois, preciso, é ver na menina, que desabrocha, a mãe de amanhã: formar fisicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura” (AZEVEDO, 1920a, p. 100). Renato Kehl agrega à maternidade prescrições voltadas para o embelezamento. Na suas obras onde menciona a prática de atividades físicas revela, dentre outras coisas, como identificar eugenicamente, bons homens e boas mulheres para o casamento. Enquanto as mulheres devem se interessar por homens de boa índole, de boa família e princípios

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) goellner@terra.com.br



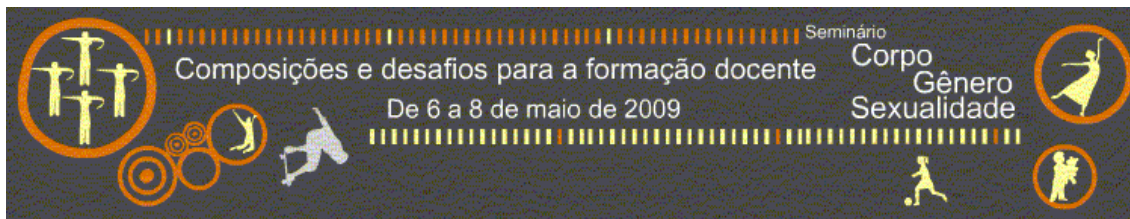
morais, os homens devem se interessar por mulheres, gentis, femininas e, sobretudo, belas.

Na esteira dessas produções aparecerão várias outras legitimando o esporte como elemento importante para o fortalecimento orgânico das mulheres. Fundamentadas na idéia da fragilidade física, esta produção contribui, de certo modo, para a inserção das mulheres no âmbito do esporte. Vale lembrar que, muito raramente, as obras mencionavam as modalidades esportivas. Sob o nome de Educação Física, os livros e revistas produzidos até meados de 1970 traziam recomendações sobre o esporte para mulheres mas não especificamente sobre ele.

Será a partir dos anos 70 que temas específicos sobre “Mulher e esporte” aparecerão na produção acadêmica brasileira tendo como eixo, como já mencionei, duas vertentes: estudos vinculados à áreas biomédicas, em especial, a partir da medicina do esporte e do treinamento esportivo e estudos vinculados ao campo das ciências sociais e humanas. Sobre essa vou debruçar minha análise.

Primeiramente vale registrar que para o campo das ciências humanas e sociais, o tema do esporte não se traduziu em algo significativo de ser estudado até bem pouco tempo. Nos marcos teóricos de áreas como antropologia, sociologia, história, filosofia este tema passou, e ainda passa ao largo da produção acadêmica brasileira, inclusive na pedagogia. Razão pela qual, grande parte das publicações existentes é oriunda de autores e autoras vinculados a área acadêmico-profissional da educação física cujos trabalhos, em especial, a partir dos anos 80 do século XX, dialogam com aportes teórico-metodológicos próprios das ciências sociais e humanas.

Não há dúvidas de que a emergência do que, inicialmente, se denominou História das Mulheres, e depois dos estudos de Gênero foi preponderante para o acontecer dessa produção. A despeito das diferentes correntes epistemológicas e metodológicas que estes estudos utilizaram para desenvolver suas análises, cabe mencionar que possibilitam tornarem-se visíveis trajetórias particulares que, de uma maneira ou outra, construíram e constroem a história do esporte nacional, seja nas abordagens que tratam das mulheres como um bloco uníssono quanto naquelas que as analisam ressaltando suas particularidades e diferenças.



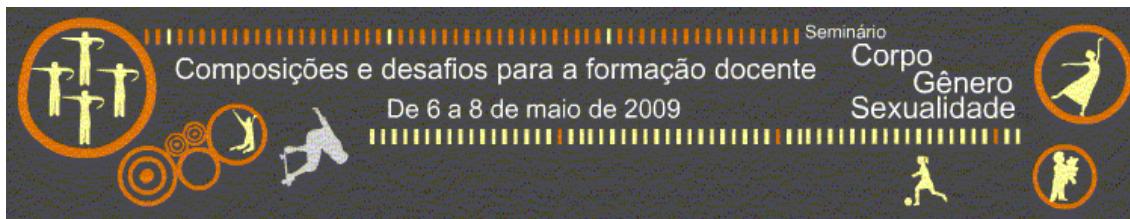
Determinante para a estruturação da produção acadêmica brasileira sobre mulheres e esporte foi a emergência dos estudos de gênero em meados dos anos 80. Como ferramenta analítica o termo “gênero” possibilitou desconstruir a representação naturalizada de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo (Goellner, 2007). Possibilitou, sobretudo, identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza, performance, sexualidade são construções históricas que, em diferentes tempos e culturas foram associadas aos homens e/ou as mulheres, produzindo, ainda, representações de masculinidades e feminilidades.

O texto de Joana Scott, indubitavelmente foi um marco nesse processo. Publicado em português no ano de 1986, tornou-se um clássico nos estudos sobre mulheres. Os feminismos despontam, também, como fundantes de uma nova onda de produção acadêmica sobre mulheres e esporte, sobretudo no final da década de 80 e início de 90. Colabora para isso não apenas o desenvolvimento no Brasil dos estudos de gênero, dos aportes feministas mas, inclusive, a ampliação dos cursos de pós-graduação (locus privilegiado da produção acadêmica brasileira) . Na educação física o primeiro mestrado data de 1977 (USP), 1979 (UFMS) e 1980 (UFRJ).

Ao olhar para a produção da educação Física brasileira, fundamentalmente, nos periódicos científicos da área alguns aspectos chamam minha atenção:

1. Uma apropriação por vezes equivocada da do termo “Gênero” identificado como sinônimo de sexo

Nos décadas de 80 e 90 apareceram muitos trabalhos onde o termo “gênero” era tratado como sinônimo de sexo. Mais que uma definição simplista essa é uma definição absolutamente equivocada pois, ao contrário do que historicamente a produção teórica de “gênero” vem evidenciando, nestes trabalhos se privilegia o determinismo biológico onde gênero masculino e feminino não são observados como socialmente construídos mas significando, simplesmente, sexo masculino e feminino.



A permanência de trabalhos desta natureza, ainda nos dias atuais indicam, não apenas uma apropriação inadequada do termo “gênero” como depreciam a produção acadêmica deste campo posto que revelam um absoluto desconhecimento do que, desde os anos 80 se vem produzindo nesse campo.

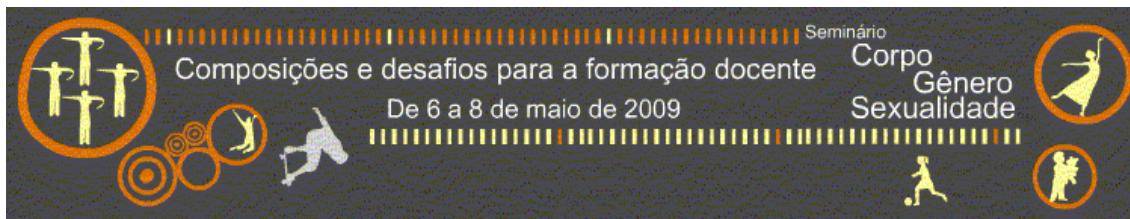
Cabe registrar que não estou negando o aspecto biológico presente, inclusive, na conformação de “gênero”. Afinal, são os corpos e as subjetividades que assumem identidades masculinas e femininas.

Sustentados por um arcabouço teórico-metodológico marcadamente situado nas ciências como a fisiologia, a biomecânica, a medicina, esses trabalhos estão largamente persistem em afirmar a anatomia como destino. Além disso, pautam-se por perspectivas essencialistas de análise, segundo as quais homens e mulheres e homens têm características distintas e inatas e estas que são imutáveis e que são estas características que determinam traços de caráter e comportamento, funções sociais, espaços de pertencimento e possibilidades de socialização para eles e para elas são distintos entre si.

O que chamo a atenção é que muitos estudos que abordam temas, como por exemplo, padrão motor, estereótipos de atletas, composição corporal, treinamento físico, menarca, quando relacionados à mulheres são, não raras vezes, identificados como estudos de gênero. Ou ainda, identificam-se nesse campo teórico cruzando-o com outros. Como por exemplo: atividade física e gênero; esporte e gênero; Educação Física e gênero. Penso que confusões como essas evidenciam ainda, uma estreita proximidade com o campo da educação física brasileira que se tem produzido nacional e internacionalmente sobre estudos de gênero.

2. Identificação entre estudo sobre mulheres e estudos de gênero

Essa é uma confusão explícita em diversas áreas do conhecimento, não apenas na Educação Física. Dada a origem dos estudos de gênero. que começaram a ser desenvolvidos tendo nos estudos das mulheres seu apoio teórico-metodológico, parece ainda persistir a idéia que estudar gênero é estudar mulheres. E ainda, mulheres estudarem mulheres visto que são poucos, na Educação Física brasileira, os autores a serem identificados como pesquisando “gênero”.



É claro que essa delimitação sofre interlocuções. Afinal alguns estudos sobre mulheres são estudos, também de gênero quando procuram compreender, por exemplo, como em determinados contextos culturais constroem-se representações de feminilidade.

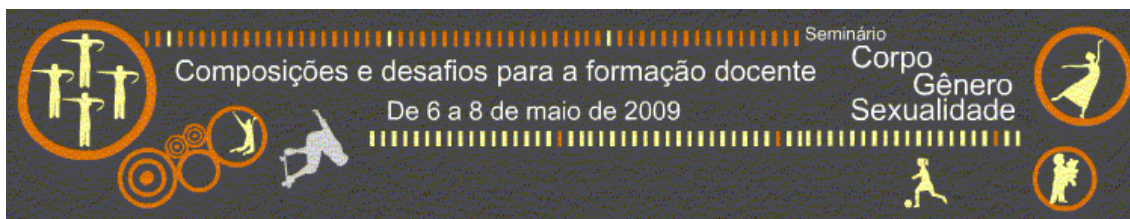
Enfim, o que quero enfatizar é que o binômio mulher e esporte tem dominado o campo de estudos de gênero no Brasil e essa situação se dá pela aproximação teórica com o campo do estudo da História das Mulheres, Mais especificamente pela invisibilidade que a história oficial muitas vezes lhe conferiu e confere. Talvez essa seja uma das explicações possíveis para essa profusão de pesquisas acerca das mulheres nas diferentes modalidades esportivas.

3. O estudo de estereótipos e papéis sexuais como uma possibilidade reduzida de abordar relações de gênero

Nos anos 80 a discussão sobre mulher e esporte, quando realizada, seja ela no âmbito da educação física escolar ou do alto rendimento, esteve fortemente atravessada por três conceitos: patriarcado, estereótipo e papéis sexuais. Essa produção, em especial nos anos iniciais, sustentou um caráter de denúncia no que respeita a representação do esporte como um terreno eminentemente masculino. Uma das justificativas para a diferenciação de acesso e permanência das mulheres no esporte era atribuída às características patriarcais da sociedade brasileira.

Quanto as discussões sobre feminilidade tornou-se lugar comum fazê-la a partir da noção de estereótipo e de papel sexual perspectiva essa alterada no final dos anos 90 quando começa a circular com mais facilidade teorizações advindas do feminismo pós-estruturalista.

Estereótipos e papéis sexuais eram observados como padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que, em última instância, definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, autores e autoras essa concepção se mostrava (e ainda se mostra) de forma



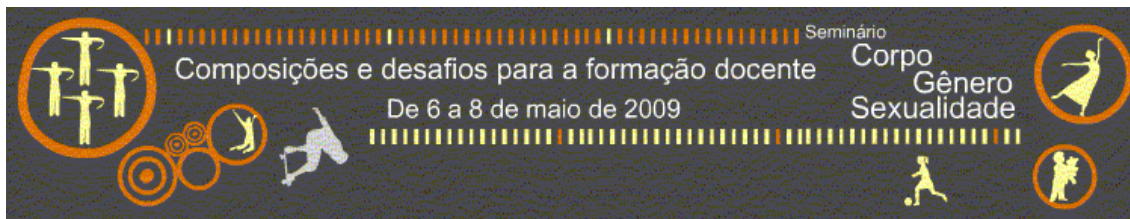
um pouco simplista pois a discussão de aprendizagem de papéis masculinos e femininos acabava por remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face ficando, sem exame, por exemplo, as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (LOURO, 2003)

Foram profícuos, neste contexto, pesquisas que analisavam diferenças entre meninos e meninas no âmbito da educação física escolar e homens e mulheres no campo do esporte. De certo modo, muitos trabalhos acabavam por legitimar uma representação normatizada de feminilidade dando pouca visibilidade para a transgressão, para o transbordamento de fronteiras e, inclusive, para o próprio protagonismo das mulheres em modalidades esportivas que lhe eram pouco recomendadas.

4) Jornalistas esportivos e a fabricação dos ídolos

Outra vertente que pode ser encontrada no Brasil acerca da produção sobre mulheres e esporte tem sua origem não na academia mas no jornalismo esportivo, fundamentalmente, a partir de 1996 quando brasileiras conquistam, pela primeira vez na história do esporte nacional, medalhas olímpicas.

Dada a visibilidade deste evento, escrever sobre as atletas tornou-se um nicho de mercado e as biografias despontaram como uma possibilidade editorial que se repete a cada edição dos Jogos Olímpicos. Sustentadas pelo que denomino, de uma perspectiva “edificante” geralmente são livros e reportagens que descrevem sucessos, conquistas, alegrias, exemplos sempre positivos de superações. Em produções como estas pouca análise se faz dos mecanismos de poder que circulam no entorno do esporte. O que geralmente aparece são narrativas pessoais, muitas delas, absolutamente descontextualizadas.



5) Pluralidade de análise a partir dos diferentes aportes teóricos dos feminismos

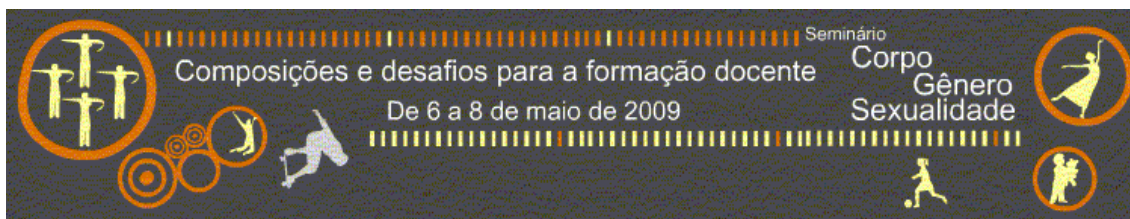
Diria que atualmente o estudo sobre mulher e esporte ainda encontra-se, grosso modo, fortemente vinculado ao campo da educação física e esse se dá de forma diversa e plural.

Ao mesmo tempo em que se pode visualizar pesquisas que justificam o acesso e permanência das mulheres a partir de questões fisiológicas e/ou psicológicas, se pode perceber uma produção crescente cujos aportes teóricos permitem tecer análises mais densas evidenciando as relações de poder que se produzem e reproduzem no campo esportivo. Pode-se, ainda perceber estudos que tomam a mulher como um bloco homogêneo como outros que tecem análises considerando as questões de gênero relacionadas a outros marcadores sociais como, por exemplo, classe social, sexualidade, raça/etnia e geração.

Temas que outrora eram pouco evidenciados florescem com relativa rapidez e dentre eles destaque, temáticas relacionadas à análise de representações das atletas nos diferentes artefatos midiático, sobre a gestão do esporte, sobre modalidades pouco incentivadas inclusive, os identificados como esporte “da natureza”, temas afetos as práticas de lazer e questões relacionadas com gênero e sexualidade.

Enfim, essas produções de certo modo registram as diferentes trajetórias que as mulheres trilham e trilham ao longo da história do esporte nacional. Permitem, ainda, perceber o que, em cada tempo, foi possível pesquisar e visibilizar.

Nesse sentido, localizo os estudos de gênero e os feminismos como campos teóricos que, efetivamente potencializaram e qualificaram a produção acadêmica brasileira. Ao eliminarem do horizonte analítico o determinismo biológico e os binarismos, favoreceram a aceitação de que o esporte não é um campo “naturalmente” masculino, nem mesmo aquelas modalidades que exigem maior força física e vigor. Estes campos forneceram instrumentos teóricos e metodológicos para visibilizar o esporte - como qualquer outra instância social, como um espaço generificado, não porque reflete as desigualdades e diferenciações da sociedade em geral mas, fundamentalmente, porque as produz e reproduz



Considerando as questões aqui analisadas defendo, desde há muito tempo, que escrever sobre mulheres esporte é, na Educação Física brasileira, não apenas um desafio acadêmico. É, sobretudo, um ato político dadas as várias adversidades que se podem verificar não só na trajetória das mulheres para acender ao esporte como, também, no reconhecimento deste tema como um tema acadêmico de relevância no âmbito do que comumente se denomina de “conhecimento científico”.

Referências:

AZEVEDO, Fernando. *Da Educação Física. O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1920.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G.; NECKEL, J.; GOELLNER, S.V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.